

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 148
ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno, 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 10 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Ainda hoje retiramos o artigo d'esta secção para dar logar á momentosa questão do analfabetismo, que não admite demoras pela sua extrema importancia. A *Questão Clerical* não impõe agora urgencia. Mas descansem, que a não largamos. E descanse o collega de Vizeu *A Folha*, que não deixaremos de lhe dar a consideração a que tem direito e a resposta que lhe é devida.

Mas havemos de acudir a cada questão segundo a ordem de urgencia porque se nos impozer.

Até breve.

O ANALPHABETISMO

Recebemos da *Associação dos Jornalistas de Lisboa* a circular e o questionario que se seguem, aos quaes nos apressamos a dar publicidade. E fazemo-lo com tanto maior prazer quanto é incontestavel pertencer ao *Povo de Aveiro* e ao nosso amigo o sr. Homem Christo a honra de ter despertado e chamado as attentões do paiz para assumpto de tamanha importancia.

A carta publicada pelo *Diario de Noticias*, a que se referem os signatarios da circular que se vae ler, foi escripta a proposito dos trabalhos do sr. Homem Christo e das suas experiencias em infantaria n.º 14. Para este periodico a transcrevemos, em 27 de abril ultimo. Portanto, áquelles trabalhos e áquellas experiencias, á tenacidade, á persistencia, aos esforços do nosso amigo, que nenhuma intriga, nenhuma calumnia, nenhuma infamia—que não faltaram—fez desanimar, se deve este resurgimento da opinião e agora com algumas probabilidades de se chegar a bom exito.

Pela nossa parte, satisfaz-nos a certeza de termos acompanhado sempre o sr. Homem Christo, publicando aqui tudo quanto a imprensa portugueza tem escripto sobre o assumpto, e de que tivemos conhecimento, sendo assim o *Povo de Aveiro* um valioso repositório da questão nos ultimos tempos. E não só transcrevemos, como directamente intervimos, publicando artigos que, por sua vez, tiveram a honra de ser transcriptos por uma boa parte da imprensa portugueza.

No proximo numero faremos os nossos commentarios á circular e ao questionario da *Associação dos Jornalistas de Lisboa*.

Mas desde já chamamos a

attenção dos nossos leitores para esses documentos, declarando que publicaremos aqui quanto nos for enviado sobre o assumpto. Os leitores que quizerem responder no *Povo de Aveiro* ao questionario, ficam com este periodico á sua disposição.

Seguem os documentos:

Ill.º e Ex.º Sr. — Sob a epigraphe *Analphabetismo*, publicou o *Diario de Noticias* de Lisboa, de 19 do mez passado, uma carta cujos ultimos periodos diziam assim:

«Quanto ao alvitre de se reduzir o tempo de serviço militar em beneficio dos que souberem ler, é excellente; e decerto daria resultado, de mais n'um paiz como o nosso em que o povo tem a aversão da vida militar. Mas outros meios podiam ser empregados para o mesmo fim, — e não seria mau, estou em dizel-o, que por intermedio da *Associação dos Jornalistas* se fizesse um inquerito á imprensa do paiz sobre os meios que a cada um se afigurassem praticos para extinguir, ou ao menos reduzir, o analphabetismo.

Se isto se fizesse, e os resultados colhidos inspirassem depois leis n'esse sentido — mas leis que se cumprissem! — a imprensa portugueza teria inaugurado uma epocha tão notavel, que dataria talvez d'ahi um «Portugal novo»... E a ella lhe cumpre fazel-o; porque n'um paiz de cinco milhões de habitantes, a acção da imprensa pôde dizer-se circumscripção ainda hoje a um tão pequeno numero, que a medir-se por este o seu valor, elle não é, decerto, de envaidecer...

O que é, comparada com a população do paiz, a tiragem dos maiores jornaes?! Quasi nada! E a dos outros, que constituem a quasi totalidade?!

Dada a curiosidade instinctiva do nosso povo, pôde dizer-se que se a maioria d'este souberse ler, a tiragem dos nossos jornaes se multiplicaria extraordinariamente n'uma progressão crescente, o que não deixaria de ser tambem para o jornalismo a sua «idade de ouro»... E para o mais; porque a Instrução é a unica atmosfera em que os progressos de uma nação podem germinar e desenvolver-se. Sendo a nação a somma dos individuos, a força natural de cada um, de estes só com a instrução, pôde fructificar.

Ponderou a Direcção da *Associação dos Jornalistas de Lisboa* estas palavras, cuja verdade se impõe immediatamente como incontestavel; e procurando, em beneficio da ideia aventada, a maneira pratica de a realisar, deliberou submeter ao criterio dos seus esclarecidos collegas da imprensa, e, por intermedio d'estes, ao criterio do paiz, o questionario que vae formular.

No interesse da instrução do paiz, a *Associação dos Jornalistas de Lisboa* pede a todos os seus collegas do jornalismo que não só se dignem de dar a esta circular e ao questionario que a ella vae junto a publicidade dos seus jornaes, mas ainda, e muito especialmente, que incitem a attenção e a curiosidade dos seus leitores no sentido de colhermos d'estes as necessarias respostas.

Será um verdadeiro plebiscito sobre objecto do maior alcance; e esta circumstancia e de ser promovido e realiado pela imprensa de todo o paiz, decerto imporão as suas conclusões á attenção e ao estudo dos poderes competentes.

Por sua parte, a *Associação dos Jornalistas de Lisboa* honrar-se-ha mui-

lissimo formulando, em nome dos seus collegas, uma representação ao parlamento, e enviando, se preciso for, todos os seus esforços, para que uma lei seja promulgada sancionando os meios de que se seria auctorizada a sua imprensa.

Espalhado profusamente por todo o paiz o referido questionario, dentro de jornaes e por outras formas, as respectivas respostas, quanto possível concisas, serão escriptas nos proprios papeis avulsos distribuidos, e estes, enviados pelo correio á *Associação dos Jornalistas de Lisboa*, rua do *Diario de Noticias*, n.º 110 — Lisboa.

Visto que a todos os nossos collegas rogamos a publicação d'esta circular em 3 numeros dos seus jornaes, bem pôde a respectiva composição typographica ser aproveitada para a impressão de questionarios avulsos, aos quaes poderia servir de modelo (para facilidade do expediente futuro d'esta *Associação*) o que enviamos com esta circular.

Longe de nós encarecer perante os nossos collegas a utilidade de um inquerito de tal natureza, que por si mesmo se impõe á sympathia de todos.

Olhar pela criança é olhar pelo futuro: é promover o progresso da nação, e por isso o bem geral; é tornar collectiva, tornando possível, pela instrução, a riqueza individual; é preparar o futuro no presente; é prevenir; é afastar a necessidade de remediar; é consolidar a existencia da nação, a sua autonomia e levantar-a no conceito e no concertu das outras nações. E não ha outra forma de o conseguir, desenganemo-nos!

Valorisar o individuo pela instrução, é habilital-o a valorisar a terra pelo trabalho; — e valorizada a terra, da industria agricola brotarão infalivelmente as outras industrias, a riqueza, a abundancia, o bem-estar, a paz e a liberdade. — A liberdade, que é hoje um apanagio de meia duzia; o bem-estar, que a maioria não sabe sequer o que é — fora das suas crenças! E estas lhas não roubaria a instrução.

Contando, pois, antecipadamente, com a decidida cooperação e activa boa-vontade de todos os nossos collegas de imprensa no sentido que deixamos indicado, esta *Associação* aproveita o ensejo para saudar em V. Ex.ª, como membro da imprensa de Portugal, os bons fructos, que desde já antevemos, da ideia, aventada, — a qual será para nós jornalistas, o maior e mais levantado monumento que o nosso amor pela PATRIA — pela sua grande Historia e pelo seu Futuro! — neste momento podia erigir-lhe.

Lisboa, 27 de maio de 1902.
A Direcção da *Associação dos Jornalistas de Lisboa*: — *Alfredo da Cunha*, presidente — *Magalhães*, vice-presidente — *Candido de Figueiredo*, secretario — *Oliverio Pires*, thesoureiro — *Lourenço Cayola*.

QUESTIONARIO

O ENSINO ELEMENTAR DEVE SER LIVRE OU OBRIGATORIO?

I — O Estado deve impôr aos paes, tutores ou pessoas encarregadas da educação de crianças, a obrigação do ensino elementar d'estas; ou, em vez d'essa obrigação, conviria mais deixar-lhes inteira liberdade de proceder, estabelecendo-se na lei, apenas, vantagens especiaes para os individuos não analphabetos?

II — Se o ensino elementar deve

ser obrigatorio, que penalidades devem ser impostas aos que não mandarem ensinar as crianças?

III — Desde que idade e até que idade dos menores, os representantes legais d'estes devem ser obrigados a dar ás crianças a instrução elementar?

LIBERDADE DE ENSINO

IV — Aos individuos que possuírem a instrução elementar devem ser dadas, por esse facto, vantagens especiaes em relação aos analphabetos?

V — A redução do tempo de serviço effectivo no exercito deverá ser uma d'essas vantagens?

VI — Deve ser prohibido o casamento a todo o individuo que não souber ler nem escrever, — ou só ás mulheres, preparando, d'esta forma a futura maternidade do ensino elementar?

VII — O Estado deve conceder vantagens em materia de impostos aos paes que assim o requererem e juntarem ao requerimento o certificado de instrução elementar de algum filho?

VIII — De que disciplinas deve constar a instrução elementar?

IX — As Camaras Municipaes deveriam empregar meios especiaes para estimular nos seus municipes o gosto e o desenvolvimento da instrução primaria?

X — Aos particulares que voluntariamente ensinarem a ler uma criança, e, bem assim, aos que de alguma forma relevante concorrerem para o desenvolvimento da instrução popular, deveria ser dado pelo municipio algum testemunho de gratidão collectiva?

XI — Sendo um preceito de moral christã — ensinar os ignorantes — e visto que uma grande parte das escolas primarias do paiz são hoje regidas por ecclesiasticos, que são professores officiaes d'essas escolas, deverá commetter-se aos parochos o ensinarem a ler as crianças da sua parochia, se os representantes das mesmas crianças assim o quizerem e não houver na parochia escola official em effectivo serviço?

XII — As vantagens concedidas aos não analphabetos e a seus paes poderiam ser compensados de alguma forma, — e não poderia ser uma das formas de compensação o plantio obrigatorio de 4 ou 6 arvores, por exemplo, em terreno publico e em logar escolhido pela Junta de Parochia ou pelo Municipio?

Fecharam no dia 31 do mez findo todas as aulas da Universidade.

Os diferentes cursos celebraram com grande entusiasmo este acontecimento.

O Gremio e Gymnasio Aveirense projecta realisar por occasião das festas do S. João uma regata na ria de Aveiro.

- (1) Foi assim que um rei da Suecia, Carlos XI, conseguiu elevar esta nação ao que é hoje; a nação-modelo na instrução primaria. O estimulo, aliás moralissimo, do casamento, ainda seria mais imperioso nas mulheres, do que nos homens a redução do serviço militar.
- (2) Tambem d'este meio se serviu Carlos XI na Suecia, onde não ha hoje analphabetos.
- (3) Assim foram arborizados os diversos canhões da Suissa, onde o individuo é obrigado a plantar uma arvore quando se casa, outra por cada filho que lhe nasce.

MINISTRO DA GUERRA

Não se realisou ainda a visita do sr. Pimentel Pinto a esta cidade. Anunciava-se para esta semana, mas lémos no *Seculo* que s. ex.ª já não partirá de Lisboa antes de 13 ou 14 do corrente. Sendo assim, e se é certo que s. ex.ª só visita Aveiro ao regressar do norte, só para a proxima semana teremos a sua visita.

Seja como for, persistimos em considerar uma obrigação e um acto de justiça acoller s. ex.ª com todas as demonstrações de affecto.

Os quadrilheiros dos francaceos veem com muito maus olhos qualquer recepção festiva ao ministro da guerra. Sempre os mesmos patriotas! O sr. Pimentel Pinto deu-nos o districto de recrutamento e reserva, que sahiria d'aqui, se aqui ficasse a cavallaria. Deu-nos a sede da brigada. Deu-nos um esquadrão de cavallaria. Deu-nos um regimento de infantaria, com vantagens de toda a ordem sobre o regimento de cavallaria que cá estava. Mas os mariolões, apenas porque os officiaes do regimento de cavallaria 7 eram geralmente francaceos, só não correm o ministro da guerra á pedra porque não podem.

Patriotas como aquillo não ha! Ponde-lhe os destinos de Aveiro na mão e vereis onde isto vae parar!

Ora, já porque a justiça assim o impõe já porque não ha nada mais irritante que pagar favores com coices, já porque quem quer apanhar mais alguma coisa no futuro ha de ser habil com os que o servem no presente, já porque o sr. ministro da guerra tem qualidades muito notaveis que o recomendam, já porque os francaceos, enfim, lhe tem má vontade, é indispensavel que a população de Aveiro receba o sr. Pimentel Pinto com toda a gallardia.

O sr. Pimentel Pinto não é bispo. E nem sequer é carola. Nunca o foi.

Fique isto na memoria de todos.

Excursão á Figueira da Foz

Deve terminar no fim d'este mez a inscripção dos bilhetes para o magnifico passeio que os nossos bombeiros voluntarios projectam áquella linda cidade do sul.

Quem ainda se não foi inscrever, não guarde para a ultima hora, porque poucos bilhetes já restam, tal é o enthusiasmo que esta excursão está despertando entre o elemento operario.

Estamos a vêr, como quasi sempre succede, que os promotores da excursão se esquecem de convidar a imprensa local para assistir á sua tão sympathica festa.

O DESACATO AO BISPO

Não temos hoje muito vagar para continuar com esta questão. Nem ha motivo por enquanto. A corja reaccionaria encolheu as garras. Tem medo. E é só por medo que as encolhe. Mas como as encolheu, esperemos que as torne a deitar de fóra, o que não tardará.

Não tardará. E' corja que não perdõa, nem descança.

Não tem duvida. Como estamos sempre promptos a aceitar o combate, elles que appareçam quando quizerem.

E vamos a vêr o que surge das devassas e dos devassos.

Vão ser retiradas da circulação as actuaes cedulas de 1\$000 réis. O Banco de Portugal concedeu para a sua troca até ao fim do corrente mez.

O analphabetismo
NO
EXERCITO

O nosso prezado collega O Norte dizia no penultimo sabbado, em artigo editorial, a horas de já o não poderemos transcrever no ultimo numero, o seguinte:

Um distincto official do exercito, o sr. capitão Homem Christo, encetou ha muito uma porfiada campanha em favor da instrucção, procurando que a caserna sirva para qualquer coisa de mais nobre que a da obtenção de um mais ou menos caricato processo de fazer continencias...

O sr. Homem Christo quiz que a companhia se transformasse em escola e que o analphabetismo terminasse no exercito, logrando que o soldado ao ser lançado para os campos, ao voltar á sua aldeia natal, tivesse colhido entre os males da sua sorte, ao menos o beneficio de saber lêr. Possuiria assim a melhor de todas as armas para combater o caciquismo local, volvendo-se em creatura autonoma independente, creando um verdadeiro espirito nacional, consciente e proveitoso como nenhum outro sob o ponto de vista de regeneração patriótica.

Persistente, de uma tempera invulgarissima, o sr. Homem Christo teve a rara coragem que desdenhou da fraqueza imbecil dos demais, dos risos necios, e além dos mal contidos despeitos da geral indifferença, para provocar ruido em volta da sua ideia, de lucidez rara, de resultados práticos e seguros.

Ao cabo do tempo que bastaria para ter quebrado as mais duras energias dos nossos Moltkes de pechisbeque, dêram por elle.

Já o luctador tinha percorrido algum caminho. Mas dentro em pouco decidem se os collegas ao estudo da ideia, reconhecem que ella demanda de algum trabalho e boa vontade inquebrantavel, e enquanto o sr. Homem Christo vai educando, —fazendo homens, permitta-se-nos o termo, — os militares concluem sentenciosos como os parvos:

—E' um magico!

Valia a pena proseguir? O mais levantado altruismo, o mais sólido desejo de aproveitar o official para alguma coisa, a melhor de todas as intenções não fracassaria deante d'esta granada de profunda e grosseira estupidez?

Pois o corajoso official não teve o menor desanimo!

Procurou render deante dos resultados obtidos todos os seus classificadores, e, o que é mais, mostrar que tudo se podia obter sem trabalho para o capitão pelo aproveitamento dos subalternos.

Nem assim conseguiria coisa alguma? Nem mesmo lisongeando a preguiza indomavel d'esse senhor de engenheiro que desdenhoso encolhia os

hombrões á suspeita de que a empresa lhe dêsse algumas horas de trabalho?

Não lograria mostrar que os resultados obtidos eram devidos muito menos ás suas qualidades de professor que á superioridade da sua orientação, ao seu desejo de tornar o official prestavel para mais do que simples funções de policia?

Pensou que sim.

E com quem segue imperturbavel a linha traçada, enderessou ás *Novidades* uma carta de que extractamos os seguintes convincentes e esclarecedores periodos:

Aqui transcreve parte da carta dirigida pelo sr. Homem Christo ás *Novidades*, e que os leitores já viram no nosso ultimo numero, e conclue:

Ler-se-ha isto? O official sentirá que o exemplo d'este verdadeiro e desinteressado apostolo da instrucção deve ser seguido, quebrada a ociosidade e a rotina de quartel e transformado o homem que cinge uma espada em verdadeiro e util cidadão?

Já dissémos que, ao sr. Homem Christo, se lhe desenha a probabilidade de ser escutado.

Mas conhecedores dos homens, dividamos nós que assim aconteça, e se um ministro da guerra decidir, o que também não cremos, no sentido das gestões feitas, o official curvar se-ha, para dentro de pouco encontrarmos nas mãos do soldado a cartilha do abbade de Salamonde ou a *Missão Abreviada*, como prova do enormissimo desleixo a que a missão ha de chegar.

O official do exercito, raras excepções feitas, e n'ellas é vedado a cada um o entrar imputando aos outros todos os defeitos que possui, é inimigo da instrucção tanto como apogado ao descanso que não traz preocupações...

E esta feição particular de quasi todos, agrava-se com a fraqueza de energia que não devia desaparecer e com uma ignorancia desprezível.

Aqui temos nós presente, para exemplo, uma carta de um official do exercito, insultando-nos anonymamente e não tendo em toda a pagina, o menor laivo de conhecimentos grammaticaes...

Ha-de ser com estes que o sr. Homem Christo se ha-de haver?

Fatalmente.

Mas isso não obsta a que lhe enderecemos uma vez mais o testemunho da nossa admiração pela boa e nobilissima ideia que pôde feneceer em terreno tão esteril.

As *Novidades* publicam novas cartas do sr. Homem Christo, transcritas pelo nosso collega O Mundo. Por falta de espaço e para não cansarmos o leitor só transcrevemos, hoje, uma d'ellas, a que o nosso collega publicou em 31 de maio. Iremos successivamente transcrevendo as outras.

Sr. redactor.—Como disse na primeira carta, que v. se dignou publicar, nem todos terão eguaes aptidões para o ensino das primeiras letras na caserna. Mas, como também acrescentei a seguir, nem todos tem eguaes aptidões para o ensino tactico e nem por isso os soldados deixam de aprender a ordenança.

Qual dos dois ensinos, mesmo, será mais difficil, o ensino profissional ou o ensino das primeiras letras?

Com o methodo João de Deus, é o ensino profissional.

São rarissimos os militares que, na minha vida de quartéis, tenho encontrado com as aptidões e qualidades precisas a um bom instructor. Rarissimos, em tantos annos que já conto de serviço. Mas bons professores de primeiras letras, vi este anno uns poucos em infantaria 14.

Isto apreciando os instructores militares á antiga. Na França e na Alemanha escreve se já, nas revistas militares, que não ha, que não pôde haver bons instructores sem

uns certos conhecimentos de physiologia do exercicio muscular, conhecimentos indispensaveis aos officiaes. Desde o apparecimento de *La machine animale*, de Marey, que o exercicio se tornou uma sciencia. Lagrange, no seu excellent livro *Physiologie des exercices du corps*, tratando da fadiga, em capitulos successivos, depois de nos apresentar o exemplo do soldado de Marathona, que, ansioso de ser o primeiro a levar a noticia da victoria, tanto corre que cae morto, em Athenas, á chegada, fala dos quartéis, onde a febre typhoide vae matando homens sem recuar diante das desinfecções, das caiações, das medidas hygienicas as mais rigorosas as mais bem pensadas e executadas, cessando só como por encanto, quando o regimento muda de coronel. Não eram os microbios das paredes. Vaham, um dos tectos, que iam demandando os homens. O microbio a que se refere o coronel, *tróp remanent* na phrase nativa de Lagrange.

As febres typhoides, tão frequentes no exercito, são, diz o illustre physiologista francez, quasi sempre febres de cansaço. Na pagina seguinte afirma que são ainda devidos ao cansaço, e não á influencia directa dos raios do sol quasi todos os casos chamados de *insolação*, que se observam nas tropas em marcha, durante os dias de calor, casos que na cavallaria se dão nos cavallos de preferencia aos cavalleiros e, na infantaria, nos soldados, carregados com a mochila, de preferencia aos officiaes, que vão sem ella.

N'outro livro — *L'Hygiène de l'exercice chez les enfants et les jeunes gens* — mostra ainda Lagrange os perigos a que os instructores militares pôdem, pela sua ignorancia ou pela sua indifferença, submeter os recrutas.

Emfim, outro illustre physiologista, este agora italiano, Mosso, estuda também no seu livro — *L'Education physique de la jeunesse* — as condições do exercicio e as consequencias da fadiga no exercito, sustentando um militar francez, Legros, que prefacia esse livro, a necessidade imperiosa, para todos os officiaes, de conhecimentos scienticos sobre o exercicio muscular.

Na verdade uma das primeiras condições do soldado é a resistencia. Impõe-se o dever de o habituar a ella. Mas nem fazer como o outro, que o matava com febres typhoides, nem como um que eu conheci, que prohibiu os exercicios militares a distancias superiores a cinco kilometros, suspendendo, ainda por cima, todos os serviços do quartel, para os homens descansarem e dormirem á larga, quando regressavam d'essas grandes marchas fatigosas!

A missão do instructor não é, pois, uma missão vulgar. E' uma missão muito delicada, muito difficil que, além de requerer excepções aptidões, demanda conhecimentos especialissimos.

Não ha mais professores de primeiras letras quando se tenha exacto conhecimento do methodo João de Deus. Este methodo, como diz o seu auctor, é um verdadeiro curso de logica. Raciocina o mestre e raciocina o discipulo. O professor, devidamente habilitado, sabe sempre ensinar, se elle quer, porque conhece a pergunta e conhece a resposta e responde por um processo natural e empregando os termos do proprio auctor. Se um homem se quer fazer doutor, então sim, adote methodo, que está tudo embrulhado. Isto é um paiz de doutores, como sabemos. Todos querem ter a gloria de emendar, de modificar, de inventar alguma coisa, de criticar pelo menos. Ai de um homem de gravata se não mostra que é gente. Se não dá sentenças e não tem pose, adets amiguinho, que é homem ao mar.

A mim me tem objectado alguns: «mas eu podia fazer assim». «Assim ou assado», respondo sempre invariavelmente, mas, então, já não é o methodo de João de Deus, é o methodo do senhor, ou,

pelo menos, de João de Deus & C.^a, e não consta que o auctor, n'este mundo ou do outro, haja auctorizado o uso de tal firma. Eu não duvido da sua intelligencia ou da sua capacidade, mas também nunca duvidei da intelligencia ou da capacidade de João de Deus e como este estudou o assumpto com muito mais attenção do que eu ou o senhor, com muito mais demora e com muito mais amor, e como é um dever de probidade respeitar as obras dos auctores, se as admitimos, por isso que também ninguem nos prohibe que as rejeitemos, eu não tenho nada que alterar, nem que modificar, nem que corrigir. Tenho que seguir á risca o methodo do auctor, ensinar como elle queria que se ensinasse, empregar os seus proprios termos, ou, então invento um methodo meu, uma maravilha ou uma asneira, ensino por elle, digo que ensino por elle, e deixo de commetter a pouca vergonha de dizer que ensino pelo methodo de João de Deus, quando, de facto não ensino.»

Isto é que eu respondo. Sempre!

Eu li todas as cartilhas nacionaes e algumas estrangeiras. Li a *Cartilha Maternal e o Apostolado*, a *Cartilha Maternal e a Critica*. Ouvi as lições dos discipulos authenticos de João de Deus, como ouvi o proprio João de Deus, em 1883, no Largo da Alegria n.º 15, se não me falha agora a memoria, que era ali, n'esse tempo, a residencia do poeta. E, depois de attento estudo, depois de ver na prática o resultado do methodo, depois de ter feito a sua experiencia, convençime-me de que era excellent. Para mim, não ha duvidas a tal respeito.

Comtante que o ensinam com consciencia e com conhecimento. E quem o fizer é sempre, em todas as circumstancias, na caserna ou fóra d'ella, um bom professor. Não é o professor que faz o methodo. Ali, n'esse caso, é o methodo que faz o professor.

E não caiam agora os pedagoges em cima de mim, que eu fujo e grito aqui *d'el-rei*.

Para ensinar as primeiras letras aos soldados ha, pois, um methodo excellent, um methodo com o qual não ha mais professores. Para ensinar a ordenança é que não ha methodo nenhum. Tem cada instructor de fazer o seu, inventado, além da exposição, a cara, a figura, o aspecto, a voz, o gesto, etc., que são, no ensino technico, d'uma importancia capital. E, no entanto, a ordenança ensina-se e aprende-se.

Não é isto? Pois se o é, muito melhor se ha-de aprender a ensinar a ler e a escrever o analphabeto.

O que é indispensavel é assentar n'um methodo, tornal-o geral em todo o exercito e fazel-o ensinar, convenientemente, ao pessoal graduado de todas as companhias.

E' difficil? E' a coisa mais facil do mundo. Organizada uma missão de alguns officiaes e alguns sargentos, se lhe não quizerem associar nenhum paizano, e essa missão percorresse os corpos do exercito, em poucos mezes todo o pessoal graduado de companhias, baterias e esquadões estar a habilitado a ensinar, admiravelmente, os recrutas pelo methodo João de Deus.

Admiravelmente! Não duvido affirmar o, nem comprometter os meus credits n'essa affirmação.

Não é difficil encontrar seis officiaes e seis sargentos, já conhecedores do methodo João de Deus, capazes já de o ensinar com rigor e consciencia, o que é indispensavel. Sendo sufficiente, para o ensino dos quadros, um mez por cada regimento, no fim de seis mezes haveria 36 regimentos em condições de poderem ministrar o ensino aos seus analphabetos.

Resta agora fallar nas horas do ensino e nas accommodações dos regimentos, o que farei em outra carta, se v. o consentir.

Com toda a consideração,
De v. etc.,
Vizen, 30-5-1902.
Francisco Manuel Homem Christo.

O CASO DO BISPO FÓRA
DE
AVEIRO

O nosso novo collega A Voz da Justiça, da Figueira da Foz, que cumprimentamos agradecendo-lhe as palavras que nos dirige, diz, sobre o caso do bispo:

«Pouco depois da França soltar o grito de alarme contra os inimigos do progresso, expulsando os, não muito depois do lamentavel caso Calmon, que despertou da profunda apathia em que dormiam tantos corações liberaes, que tão eloquentemente se manifestaram em todo o paiz, apparece novamente um caso excepcional, em que uma população briosa e conscia da sua dignidade de cidadãos, solta um energico protesto contra esses, que querem agriilhoar a consciencia dos homens de bem.

Com esse protesto conquistou a população de Aveiro o direito á estima de todo o portuguez que amando a Verdade, aspira ao progresso, e nós saudamol-o com o respeito, que merecem as honradas consciencias, e admiramol-o com o entusiasmo, que despertam os emprehendedores sinceros.

Ha de sempre palpitar nos o coração a favor dos destruidores dos bacillos da ignorancia, das larvas do analphabetismo!

Apoiaremos sempre todos aqueles, que põe o seu esforço, a sua intelligencia, ao serviço do progresso!

Quando uma população inteira n'um impeto sincero, se decide a trilhar uma das sendas do progresso, dá uma brilhante prova de autonomia, mostra que tem opinião, prova que é resoluta!

Por isso saudamos a briosa população d'Aveiro, bem como o seu tão intemerato quanto energico defensor o Povo de Aveiro.

E' a saudação dos humildes, é a saudação dos fracos, mas é ao mesmo tempo a expressão sincera de corações entusiastas pelo Bem, é a saudação dos que reprovando o ataque pessoal, não pôdem deixar de approvar a manifestação de entusiasmo pelos ideaes levantados.

Accetiae pois factores do progresso a nossa enthusias-tica saudação.»

O nosso collega de Vizen A Voz da Officina, em artigo editorial, refere-se com calor aos desagradaveis acontecimentos ultimamente succedidos em Aveiro, em consequencia do bispo-conde se recusar a passar defronte do Convento das Carmelitas!

Accidente n'um duello

Ha dias, em Turim, um duello a sabre, motivado por uma discussão entre dois sargentos do 5.º regimento de artilheria, Rimeo Catena e Alessio Cassali, teve um desenlace terrivel.

Os dois adversarios iniciavam o terceiro assalto quando, de repente, o sabre cahiu da mão da Catena.

Este curvou-se precipitadamente para o levantar, mas a arma, que cahira sobre os copos, conservava ainda a lamina enfiada e Catena cravou-a no peito.

O desgraçado morreu instantaneamente, pois o golpe atravessara-lhe o coração.

Pertencia a uma familia distincta de Roma e contava apenas vinte e um annos.

HORARIO DOS COMBOIOS
De Aveiro para o Norte

| De manhã ás | De tarde ás |
|-----------------|-----------------|
| 3-45 m. (tram.) | 1-25 m. (tram.) |
| 5-51 m. | 7-37 m. |
| 8-58 m. | 10-5 m. |

De Aveiro para o Sul

| De manhã ás | De tarde ás |
|-------------|----------------|
| 6-49 m. | 3-46 m. |
| | 5-34 m. (rap.) |
| | 10-43 m. |

SCIENCIAS & LETTRAS

OS VULCÕES

Os vulcões são como que as válvulas de segurança da immensa caldeira que ferve sob nossos pés: são os respiradouros do fogo interior do globo.

Quando os tremores de terra annunciam um excesso de ebulição, as válvulas abrem-se e arrojam gazes, cinzas, lavas ardentes; depois d'este desafogo restabelece-se o equilibrio.

Para se comprehender bem os vulcões, é preciso fazer-se uma idéa approximada da historia da Terra; porque a Terra tem a sua historia, como a tem o homem e a sociedade, e tem tambem os seus monumentos historicos, em que estão escriptas as suas vicissitudes.

O globo divide-se em duas partes: a parte interna, á qual nunca se chegará provavelmente; e a casca exterior, ou camada mineral, que serve de superficie á parte interna.

A massa interna é formada, segundo a opinião mais corrente, de materias metalicas na sua maior parte, em estado liquido, resultado da elevada temperatura que n'ella reina.

A casca exterior compõe-se de diversas massas, collocadas por uma ordem que tem determinado os grandes phenomenos geologicos.

Por meio do estudo n'esta capa mineral, que terá umas vinte leguas de espessura, calcula-se que a Terra ha muitos milhões de annos que está em movimento no espaço.

N'esta parte do globo que nos é accessivel, recebem diversos nomes os terrenos, seguindo a ordem em que deverão ir formando a parte solida da Terra.

Chamam-se terrenos primitivos os que são formados de rochas duras, como o granito; não se encontrando n'elles resto algum vegetal nem animal, por cuja razão se creem anteriores ao tempo em que o globo foi povoado. Terrenos secundarios são os que estão dispostos por camadas, mais ou menos horizontaes; provêm de erupções vulcanicas e só contêm restos de mariscos.

Terrenos vulcanicos são os que se compõem de materias arrojadas pelos vulcões, abundando n'elles os basaltos. *O humus*, ou terra vegetal, cobre estes terrenos; é a parte que o homem cultiva para a vegetação.

Os vulcões foram formados, indubitavelmente, pela explosão da camada terrestre até se alvir; pôr isso o phenomeno da formação dos vulcões só pôde comparar-se ás protuberancias e aberturas que se formam na superficie de um pastel, collocado sobre um brazeiro.

Os vulcões tem sempre fórma cónica e são terminados por uma excavação circular, mais ou menos profunda, chamada *cratera*. no meio da qual se eleva um pequeno cône, que serve como de chaminé áquelle potente forno.

Em algumas erupções, rompe-se este cône, e os seus pedaços são lançados no ar a grande altura mas a accumulacão de lavas em volta do agulheiro, alli formado, dá origem a um novo cône.

As erupções começam, ordinariamente, por violentas despedidas de gazes e vapores, nos quaes se seguem cinzas e pozzolanas, uma poeira composta de pequenos fragmentos de terra porosa e calcinada.

Ouvem-se terriveis detonacões e elevam-se alterosas chammãs que horroresam os povos vizinhos; a cratera despede com immensa força, e largas distancias, pedaços de rocha, pedra pomes e escorias, em quanto que a lava, betume espesso e ardente, sobe sem cessar, enche a cratera e transborda, descendo em torrentes de fogo pela espaldã da montanha.

Outras vezes, a montanha abre-se por diferentes partes, vomitando crateras que se comunicam e a lava precipita-se por estes novos respiradouros. As lavas descem, arrastando e destruindo quanto encontram no seu caminho. A sua viscosidade impede que desçam com grande rapidez; a sua superficie ardece em seguida, e então só podem correr sobre uma

superficie coagulada, que detem em parte a sua marcha.

Algumas vezes, mesmo em rapidos declives, consomem um dia em percorrer 100 metros. Mas uma vez protegidas contra a acção do ar pela superficie solidificada, é mister muito tempo para esfriarem.

No Etna tem-se observado que, vinte e seis annos depois da erupção, ainda a lava não esfriou totalmente.

A cratera de Antisana, perto de Quito, na America Meridional, está a 5:833 metros sobre o nivel do mar.

A pressão ordinaria da atmosphera equivale ao peso de uma columna de agua de dez metros e meio: por conseguinte, para sustar uma de 5:833 metros, seria necessaria uma força de 555 atmospheras; e como o peso especifico da lava é duas vezes e meio o da agua, resulta que a força eleva as lavas no vulcão de Antisana é, pelo menos, de 1:400 atmospheras, isto é, mais do 140 vezes maior que a das mais poderosas machinas.

O numero de vulcões em actividade vai sendo cada dia menor. Em França, onde hoje existe apenas um, houve-os aos centos; na Hespanha, houve igualmente muitos, sobretudo nas costas do Mediterraneo; e o mesmo pôde dizer-se da Bohemia, Hungria, Saxonia e Grecia.

Estes vulcões devem ter existido em tempos mui remotos, visto que não ha na terra nenhum vestigio que affirme a sua acção destruidora.

A primeira erupção que se conhece do Vesuvio, verificou-se no anno 79 da nossa era; custou a vida de Plinio, o naturalista, e enterrou Herculano e Pompeia sob uma camada de cinzas.

Em 1538, o Monte Novo, cerca de Napoles, teve uma erupção que durou sete dias, e desde então não tornou a expellir nem fogo, nem fumo.

Em 1759, appareceram varios cônes vulcanicos perto de Ario, na America Meridional, cobrindo de lavas e cinzas todos os campos vizinhos, semeados de anil e canna de açúcar.

Em 1808, em uma das ilhas dos Açores, abriu-se uma cratera de dez hectares de superficie; e a erupção cobriu um espaço de 600 hectares de uma camada de vara e meia de escoria, pedra pomes e cinzas.

Outros vulcões tem apparecido no seio do mar. Segundo refere Plinio, 186 annos antes da vinda de Jesus, cerca da ilha de Santorin no Mediterraneo, cobriram-se as aguas de espessos vapores, subindo a grande altura e coalhando-se de escorias e pedras pomes; no meio das chammãs, surgiu um ponto negro que, estendendo e elevando-se, formou a ilha de Hera.

O mesmo phenomeno se repetiu em 1796, nas ilhas Eleutinas; porém, aqui a erupção poude ser melhor estudada, porque durou alguns mezes, durante os quaes as correntes de lava, subitamente detidas pelos gelos do mar, foram elevando a altura da nova ilha.

Em 1811 formou-se do mesmo modo a ilha Sabina, nos Açores, e em 1831 a ilha Julia, cerca da Sicilia. Esta desapareceu alguns annos depois.

No fundo do mar devem existir vulcões em actividade, porque muitas vezes se tem observado, especialmente em Kamchatka, em 1837, e nas Molucas, em 1820, que as aguas aqueciam de um modo extraordinario, explodindo á superficie productos vulcanicos.

Nem todos os vulcões despedem chammãs; ha muitos que só arrojam gazes, algumas vezes tão acidos que corrompem e dissolvem as rochas calcareas.

E se nas cercanias ha algum lago subterraneo, esta dissolução fórma enormes depositos de bitume liquido e abrazador, que sobe de novo á cratera por canaes interiores.

As erupções de lodo são frequentes em Java e no Perú. N'este ultimo ponto o lodo está cheio de peixes que sem duvida viviam em algum subterraneo, e que são em bastante quantidade para que, cobrindo as terras, a sua putrefacção produza epidemias.

Por ultimo, ha vulcões d'agua quente. Na Islandia existe um que arroja um ducto no meio de espessos vapores.

Um julgamento

O Povo de Aveiro foi julgado segunda-feira em policia correccional, sendo o nosso editor condemnado em 30 dias de cadeia, 15 dias de multa a 500 réis por dia e custas e sellos do processo. Sabem porquê!

Por termos chamado á sucia dos francaceos *cabada de brutos, animaesinhos e cavalgadas*. Nada mais. Foram designações genericas. Mas dois cidadãos especialisaram em s. os epithetos, requereram policia correccional contra nós e o juiz Francisco Antonio Pinto approvou novamente a occasião.

TRINTA DIAS DE CADERA, 15 DIAS DE MULTA A 500 RÉIS POR DIA e custas e sellos. Por dois cidadãos muito illustres declararem que elles tinhamos chamado *brutos, animaesinhos e cavalgadas*. Nada mais!

Parece que nem ha motivo para condemnação. E' essa a opinião dos homens da lei e por isso appellámos da sentença, fiados em que será revogada. Mas quando o honvesse, seria para uma condemnação insignificante. Sobre isto é que não pôde haver divergencias.

Comtudo, o juiz, que absolveu o caixeiro da farinha, que absolveu a Beatriz Vieira, condemnou a nós pela fórma que se vê. O caixeiro infiel foi um benemerito para o juiz Pinto.

A Beatriz de Jesus Vieira deixou moribunda a Maria da Graça, dando-lhe, covardemente, traiçoeiramente, furiosamente, uma pancada na cabeça que a prostrou. Tres testemunhas viram e disseram que viram.

Que importou isso? Foi absolvida.

Roubar e matar é progresso. Pois então não havia de ser? O que é crime é dois cidadãos illustres declararem que alguém lhes chamou *cavalgadas*.

Cavalgadas! Realmente é injuria sangrenta. Demais a mais dita genericamente. Os cidadãos é que a especialisaram. Cavalgadas! Supporem homens de tanto merito e valor que alguém os poderia tomar á conta de cavalgadas, é, realmente, coisa séria.

Tal não consente o nosso juiz.

Agora que os caixeiros se divertiam e que as mulheres se matam umas ás outras, isso é que é coisa tão secundaria que não vale um caracol, quanto mais dois.

Está bem. O que nós queremos é que os leitores não deixem de reparar que temos tido sempre carradas de razão nas nossas campanhas de moralidade.

Vão vendo Vão vendo! E cá ficamos na expectativa. Fiquem certos de que a ultima palavra ha de ser nossa e de que continuaremos inabalaveis no caminho seguido até hoje.

Cada vez nos dão maior vontade de rir as fumaças d'estes *tristes*. Assim, o advogado da accusação, no tribunal, sem se atrever a pronunciar um nome, e fez bem porque evitou as consequencias, fartou-se, por encomenda, está claro, de martelar na rhetorica da indignação.

Como estes pobres diabos continuam a imaginaí que nos fazem mozza com palavras feias! Que patetas!

Andae lá. Mas nós cá estamos e estaremos e d'aqui não sahiremos por mais voltas que lhe deem.

Aqui estamos, aqui estaremos e d'aqui havemos de fustigar todos os asnos, todos os tratantes, todos os tartufos, todos os inimigos da liberdade e da verdade.

Olé, olé, amiguinhos! O pésinho, com que ha vinte annos vos carregamos no pescoco, continúa no seu lugar, e continuará cada vez com maior força.

E andae lá com a justiça do juiz.

Como dizeis, e apregoaes, que ides continuar com as policias correccionaes, cá ficamos na expectativa, esperando.

Andae lá. Mas sabereis que a ultima palavra ha de ser nossa. Olé, olé, amiguinhos!

Foi o sr. dr. Alexandre de Albuquerque, illustre advogado em Estarreja, que obsequiosamente tomou a defeza do Povo de Aveiro na audiencia de segunda-feira.

Cumpre-nos agradecer n'este logar ao sympathico patrono do nosso editor o favor que nos prestou tão expontanea e desinteressadamente, e só por amor á breza da sua profissão, que como poucos sabe servir e sustentar.

A defeza foi eloquente e brilhante e a palavra encantadora do sr. dr. Alexandre de Albuquerque teve o numero de auditorio suspenso durante mais de tres quartos de hora.

Os creditos do illustre caudicido firmaram-se mais uma vez n'esta cidade, porque o seu discurso, tanto sob o ponto de vista juridico como litterario, teve passagens muito apreciaveis, demonstrativas de vasta cultura e d'um espirito fino e caustico, muito a proposito. A parte em que o distincto advogado justificou a *violencia* da linguagem do nosso jornal, como para ali dizem alguns, essa foi mesmo superior na maneira por que soube arredar as insinuações encapotadas e medrosas do accusador de Ovar, luminar bem conhecido do extinto rebanho aralistas.

Aqui, pois, a nossa homenagem e a expressão de todo o nosso reconhecimento.

Companhia Lisbonense

Na proxima quinta-feira temos n'este theatro um magnifico espectáculo em festa artistica da actriz Marianna e do actor Cesar dos Santos, um dos artistas mais sympathicos de aquella companhia.

O programma, que é de véras attraente, deve chamar enorme concorrencia áquelle theatro, tanto da cidade como das terras circumvisinhas.

A 1.ª parte será a scena do 2.º acto da muito applaudida e engraçada opereta, *O Processo do Rasga*, em que o impagavel actor Domingos é um engraçado *piadista*.

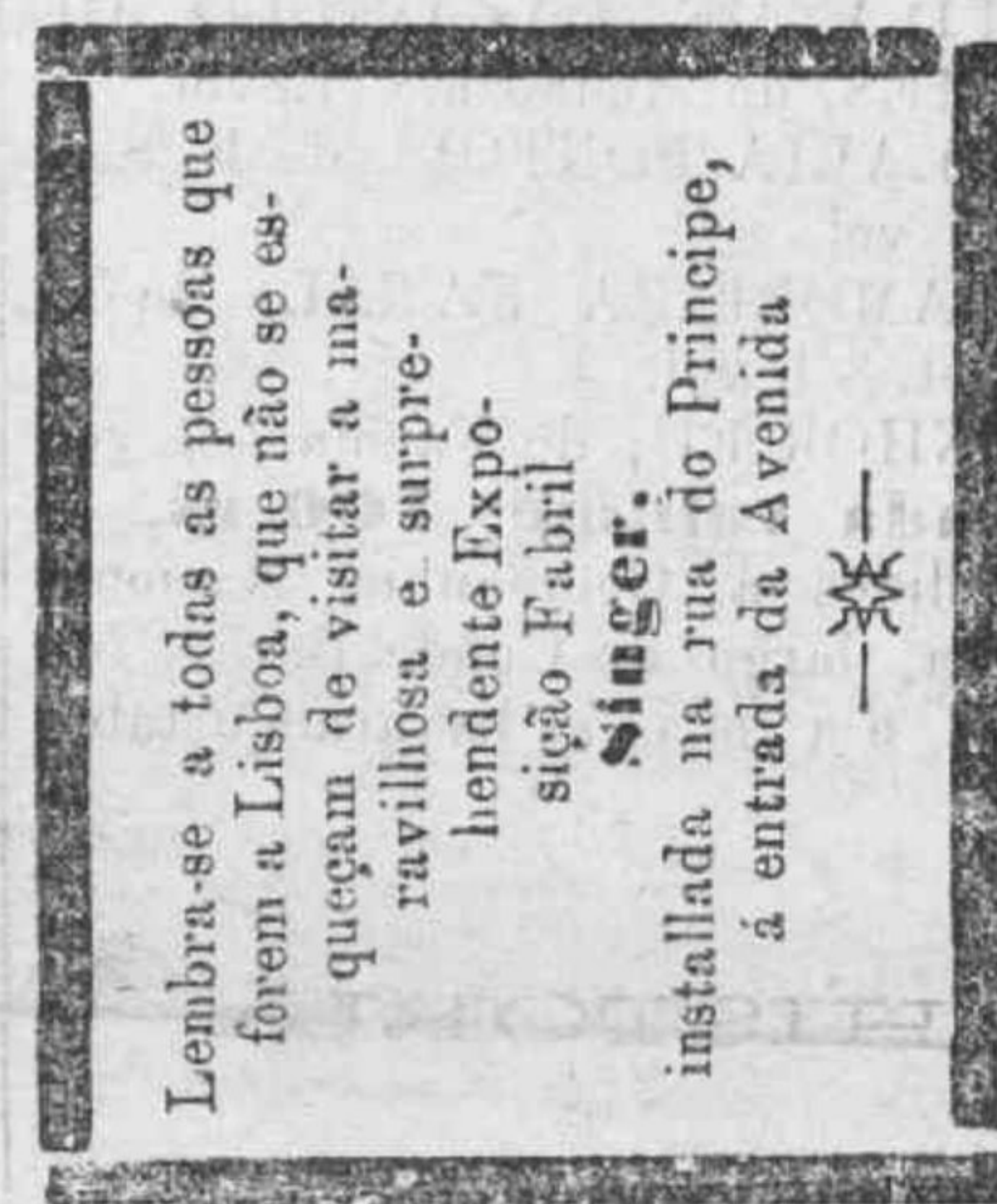
A 2.ª parte é composta d'um acto *Follies-Bergères*, que constará de cançonetas e monologos pelos melhores artistas da companhia.

A 3.ª parte consta d'uma graciosa opereta-revista (imitação á *Grande Avenida*) em 1 acto e 4 quadros, adornada de linda musica, intitulada *Scenas d'Aveiro*, desempenhada por um distincto grupo de amadores aveirenses.

N'esta operetta entram perso-

nagens allegoricos ás principaes ruas de Aveiro, S. Thiago, Esqueira, Ilhavo, Vista Alegre, etc.

Agouramos á graciosa Marianna e ao distincto actor Cesar uma casa á cunha, como é de esperar, visto restarem já poucos bilhetes para este grandioso espectáculo de constante gargalhada. Lá iremos tambem.



Uma cidade que não dorme

A descoberta é d'um jornal francez. A cidade chama-se Butte, e pertence ao estado de Alontana, na America do Norte.

Construida no flanco d'uma montanha, conta cerca de 45:000 habitantes.

Os estabelecimentos, os escriptorios, os theatros e cafés não fecham nem de noite nem de dia.

A qualquer hora os habitantes de essa estranha cidade podem entrar em um a loja para fazer compras, n'um barbeiro para fazer a barba ou cortar o cabelo, ou em qualquer outro estabelecimento publico.

A grande industria d'essa cidade é a industria mineira, cujo trabalho é regulamentado pela lei dos «tres oitos.» Essa mesma lei rege igualmente a vida inteira da cidade.

Patões, engenheiros, empregados, caixeiros, estão constituidos em tres grupos que, por tres vezes em cada vinte e quatro horas, se rendem successivamente.

Para valer ás necessidades d'essas tres populações distinctas, foi preciso que os serviços publicos, os bancos, os estabelecimentos, etc., seguissem o modo que sómente o sol e a luz electrica indicam a differença entre o dia e a noite.

Nunca se sabe, ao encontrar-se um gentleman na rua, correcto e elegante, se é um homem que acaba de se levantar ou que vai deitar-se na cama.

Apesar d'esta organização singular, toda subordinada ao trabalho industrial, Butte não é de modo algum uma cidade triste.

Cada habitante trabalha ali o mais que pôde para conquistar a fortuna, mas o diuheiro gasta-se ali com a maior prodigalidade.

Um diamante monstro

Em Kimberley, a cidade dos diamantes, duplamente celebre desde a guerra anglo bóer, reina actualmente uma viva emoção.

Segundo uma noticia de Capetown, foi encontrado n'uma das minas dos suburbios, d'aquella cidade, um diamante colossal, pezando 400 quilates.

A companhia proprietaria d'este fabuloso thesouro tomou a precaução de o depositar immediatamente no cofre-forte d'um banco.

Este admiravel diamante é côr de palha e tem a fórma d'um taedro levemente achatado.

Meio por cento do seu valor deverá ser pago ao fisco e só essa simples taxa representa quasi uma fortuna.

ANNUNCIOS

BREAK

VENDE SE um quasi novo. N'esta redacção se diz com quem tratar.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas. QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes. VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol. EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol. A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1 vol. SENHOR EU, de Farina. — 1 vol. Cada volume, 100 rs. Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fascículos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis Cada vol. brochado.. 1:500 » Obra completa (4 vol) 6:000 » A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante. Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua de Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas Coronadas pela academia franceza.

A CARTEIRA DO REPORTER POR JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA illustrado a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida. 120 rs.—cada fasciculo—120 rs

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno (ILLUSTRADO) Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso. Preço 50 réis A' venda na Livraria Elysio — Rua Formosa, 282 PORTO

NOVIDADE LITTERARIA ALMANACH HACHETTE

PARA 1902 Já se achá á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade. 50 rs. cada semana, no acto da entrega SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS? traducção de EDUARDO DE NORONHA 300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva ADVOCADO R. DO SOL—AVEIRO

“O NORTE,” Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

JOÃO DE MENEZES A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 154, rua da Prata, 169—LISBOA. Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA Os Mystérios da Inquisição

POR F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Nos Mystérios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam afflicto o nome a alma, e sons que fazem o coração palpitar e se figuram d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, e ligam-se a hypocrisia, e a malicia de grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HENRY SIENKIEWICZ (auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

primorosa novella palaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sen dogma», «Diluvio», «Sigamol-o!»

Preço de cada volume illustrado com uma capa a côres

Preço 300 réis Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA DA ACREDITADA FABRICA



“PFAFF,” Fundada em 1862 EM Kaiserslautern São estas as melhores machinas de costura

- A machina PFAFF para costureiras. A machina PFAFF para alfaiates. A machina PFAFF para modistas. A machina PFAFF para sapateiros. A machina PFAFF para seleiros. A machina PFAFF para corrieiros. A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a sãha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas. Peça catalogos illustrados que se renettem gratuitamente. Pedidos a

João Maria Simões & Filho ANADIA—SANGALHOS

Vinho de Bucellas O legitimo vinho de Bucellas so se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Pelxe.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra Extrahе, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 4 a 44

ARMAZENS DA BEIRA-MAR

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e crianças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rium e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e corôas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. N. B.—Não se avlam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79